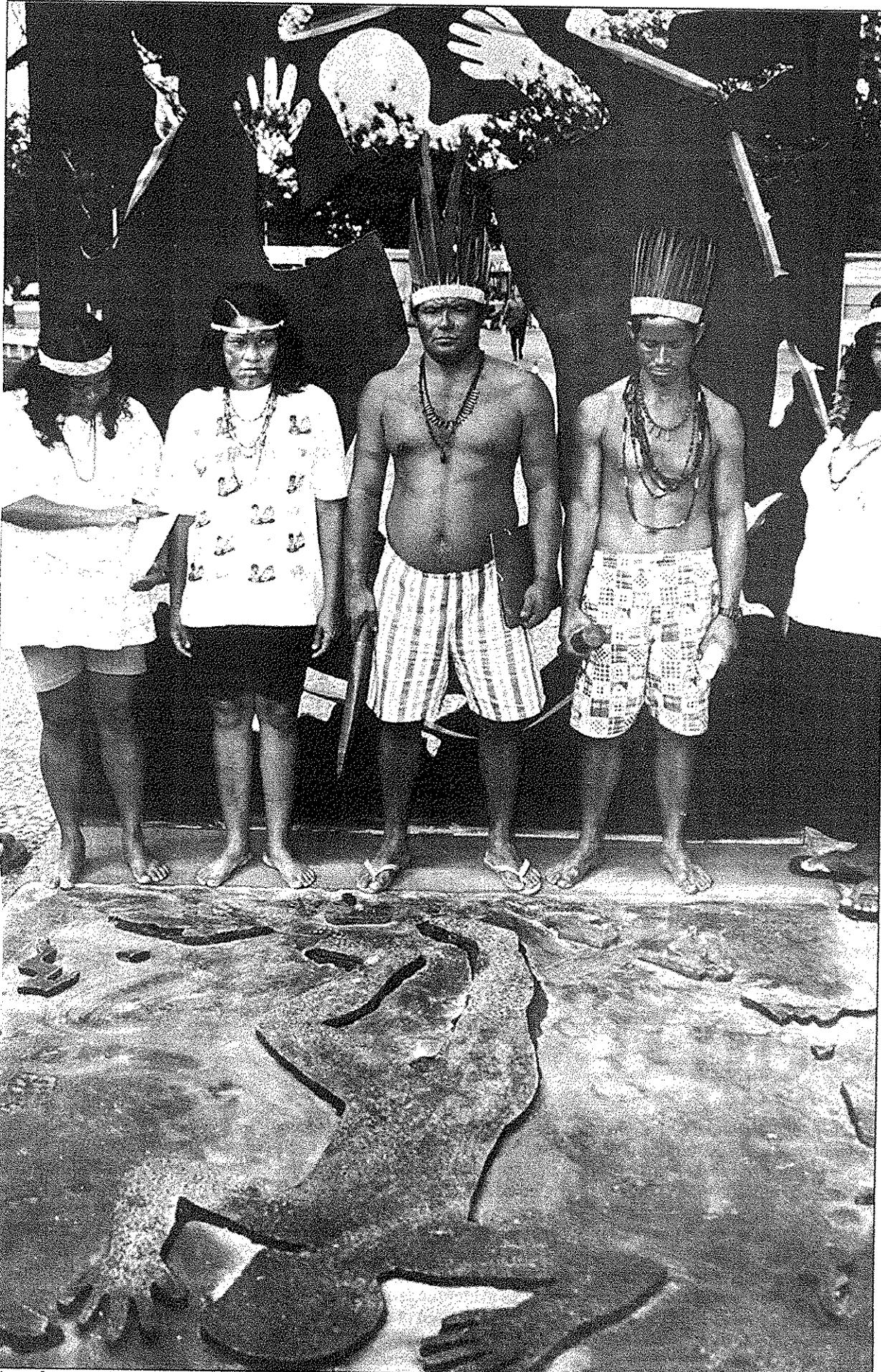


CB
4/16/97 3
Pataxó na praça
663

Carlos Vieira



Monumento em memória do índio Galdino

Praça atrás da parada de ônibus onde quatro jovens incendiaram o pataxó recebe escultura do artista plástico Siron Franco

A Praça do Compromisso tem agora mais indignação e arte. O artista plástico Siron Franco presenteou o ponto de ônibus da 703/704 Sul com uma escultura de 2,2m e uma tonelada para lembrar o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos e indigentes assassinados. Galdino morreu queimado por cinco rapazes da classe média de Brasília quando dormia no banco de cimento da parada, na madrugada de 20 de abril. O lugar ganhou o nome de Praça do Compromisso uma semana depois do assassinato.

“Quando as pessoas olharem a escultura vão vibrar positivo para equilibrar a desordem mental de outras pessoas”, disse Siron. “Eu poderia ter escrito um artigo para jornal, mas achei que seria pouco. Aquela frase deles, de que incendiaram o índio porque pensaram que fosse um mendigo, me indignou demais.”

A escultura em ferro, a 50m da parada, é formada por duas partes. O retângulo de 2,2m de altura tem o centro vazado pela silhueta do índio de pé, com as mãos voltadas para o céu. “Simboliza a ressurreição”, explicou Siron. Cravada no chão, a outra placa do mesmo metal traz em alto relevo o corpo de Galdino caído — exatamente como os peritos em criminalística o desenharam no banco da parada de ônibus.

Para prestar a homenagem, o artista contou com o apoio logístico do Governo do Distrito Federal. O governador Cristovam Buarque e vários secretários participaram da inauguração do monumento, ontem, às 11h30.

Siron Franco, goiano que até outro dia vivia em sua terra, mora hoje na

Bahia, como os Pataxós. Ele, em Salvador, e os índios, em uma reserva indígena na região Extremo Sul, perto de Porto Seguro. Para completar sua escultura, Franco trouxe uma frase de um famoso bisneto dos Pataxós, o escritor baiano Jorge Amado: “Aqui mataram um índio Pataxó. Coisas como essas não podem acontecer nunca mais”.

A frase, que será grafada em letras metálicas, ficou fora do monumento porque faltava saber a data exata de nascimento de Galdino para então fundir o metal. Durante a inauguração do monumento, o artista perguntava isso ao primo dele, Gérson Pataxó, que também não sabia.

Na hora dos discursos, o cacique Aniceto Xavante deixou a maioria dos convidados sem entender nada do que disse. Falou em seu próprio dialeto. Depois foi traduzido por Gernias Xavante. Para variar, voltou a criticar o presidente da Funai, Júlio Gaiger. Gérson Pataxó, representante da tribo de Galdino, agradeceu ao rapaz que anotou a placa do carro e ajudou a polícia a localizar os cinco jovens.

O governador Cristovam Buarque advertiu que a sociedade concorre com a falta de solidariedade porque se mostra indiferente ao fato de pessoas dormirem em pontos de ônibus.

Todos os cinco amigos que participaram do crime estão presos. Antônio Novély, Max Rogério Alves, Eron Chaves e seu primo Tomás Oliveira aguardam julgamento no Núcleo de Custódia. G.A.J. completou 17 anos no último dia 4 e está condenado a passar até três anos internado no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje).

A escultura simboliza morte e ressurreição: no chão, a imagem do corpo inerte; atrás, a silhueta do índio subindo ao céu